

REFRIGÉRIO

ANO 31 NÚMERO 165 ABR/JUN

2017 ISSN 2182-617X

Ressurgiu

JÁ RESSUSCITOU, COMO HAVIA DITO.

Mateus 28:6



EFEMÉRIDE por Delmiro Rodrigues

Estávamos no verão do ano de 1976, precisamente há quarenta anos. No ano anterior tinha regressado do serviço militar em Angola. Regressei com a determinação de ficar mais firme no caminho do Senhor, e seriamente comprometido com Cristo. Na época, a Mocidade Para Cristo foi uma das organizações que Deus usou para tal. Precisamente nessa altura, fomos informados de que vinha a Portugal o Barco Logos, com a sua grande Livraria e com um ministério internacional de serviço ao Senhor navegando por vários países em todo o mundo. Muitos dos jovens dessa altura que estavam relacionados com o ministério da M.P.C., foram desafiados a servir ao Senhor de alguma forma no ministério que o barco vinha fazer a Portugal, mais propriamente na nossa cidade de Lisboa. Reservei logo as minhas férias do meu emprego para essa altura e fiquei a trabalhar no barco desde o primeiro ao último dia em que o barco esteve atracado no cais de Alcântara. Eu e um outro jovem aceitámos o desafio de ajudar no trabalho das máquinas do navio e um dos primeiros trabalhos foi tirar o óleo queimado do seu reservatório que ficava precisamente na quilha do barco (onde as partes laterais do navio se juntam). Foi uma experiência única e inesquecível. Além desse trabalho físico no barco, casa das máquinas, onde uma boa parte dos voluntários eram de etnia indiana, também integramos as equipas de evangelização ao ar livre; Rossio, Alameda D. Afonso Henriques e Jardim da Estrela são alguns dos sítios que me lembro onde pudemos dar o nosso testemunho ou ajudar aqueles que vieram a fazer uma decisão por Cristo. Numa tarde de testemunho no Rossio, lembro-me de um jovem toxicodependente que, ao aceitar o Senhor como seu Salvador, foi para o barco connosco passar o resto do dia. À noite, no Pavilhão de Desportos, no Parque Eduardo VII, foi-lhe pedido para dar testemunho da sua conversão a Cristo, diante de um Pavilhão cheio de gente. Esse jovem veio a fazer parte da nossa igreja (Boas Novas) e mais tarde, já mais firme na fé, pediu para ir para a Igreja dos Nazarenos pelo facto de haver ali poucos jovens e de necessitarem de ajuda nessa área. Achei que era uma boa decisão e aconselhei-o a tomar esse passo. Mais tarde, a igreja dos Nazarenos entusiasmou-se a estudar teologia na Suíça. Depois do curso veio a tornar-se pastor da Igreja dos Nazarenos. Nas várias propostas de Encontros de evangelização e de testemunho que se faziam durante o dia ou à noite no navio, conheci pela primeira vez o grande pioneiro do evangelho em Portugal, o amado irmão José Ilídio Freire. Num testemunho que ouvi dele e que mais me ficou na retina, foi que levou dois dias de Lisboa a Alhandra em evangelização com outros irmãos e com a carroça e o respetivo burro. O servir ao Senhor no navio Logos foi, sem margem para dúvidas, um tempo que marcou a minha vida de uma maneira indelével e o meu relacionamento com O Senhor; pude alargar a minha visão sobre missões, também começou a marcar o meu desejo de servir O Senhor a tempo exclusivo e foi aí que cresceu o meu desejo de ir para uma escola bíblica, o que veio a acontecer um pouco mais tarde com a abertura da escola diurna no I.B.P.

No ano de 1979, também estive no barco Doulos a servir como voluntário quando este veio a Lisboa, mas sem dúvida que não teve comparação com esta primeira experiência inolvidável de servir ao Senhor no barco Logos nesse longínquo verão de 1976.

A Deus toda a glória. ●●



Propriedade
Comunhão de Igrejas
de Irmãos em Portugal
CIIP

Internet: www.ciip.net E-mail: geral@ciip.net

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda eminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiásticos.

Comissão Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira e Osvaldo Castanheira

Endereço Jornal Refrigério

Rua das Eiras, 22 2725-299 Mem Martins

E-mail: refrigerio@ciip.pt

Redação Luis Pereira

Design Gráfico e Paginação Osvaldo Castanheira

Refrigerio Impresso e Refrigerio Online

Capa deste número Sara Calaim

Revisão e edição de Textos Cristina Calaim

Revisão e Edição de Notícias Helena Sequeira

Versão digital <http://www.refrigerio.ciip.net>

Impressão SIG - Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

Depósito Legal : 21.402/88

ISSN: 2182-617X impresso / 2182-6188 em linha

Tiragem: 2200 exemplares

Preço de cada exemplar: 1,90 €

Sustentado através de ofertas voluntárias

Finanças

Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. **Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP**- NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para "Revista Refrigério".

© Copyrights Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Departamento de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. de Comunicações António Calaim

ATENÇÃO NOVO ENDEREÇO
para correspondência
Jornal REFRIGÉRIO Rua das Eiras,
22 2725-299 Mem Martins

Cada N° do REFRIGÉRIO tem um custo. Esta edição teve uma tiragem de 2200 ex. /24 págs. Apoie este ministério com a sua oferta. Consulte a ficha técnica e veja como o pode fazer.

S

ANTOS, MILAGRES E ROMARIAS À MODA DE PORTUGAL

por Osvaldo Castanheira

Desde pequenos, nos bancos da escola, fomos habituados no antigo regime a encarar **os santos e os milagres** coisas do dia a dia e relativamente naturais. Os livros de leitura desde a instrução primária e mesmo os livros de História até mais tarde apresentavam e valorizavam textos e imagens sobre este tema, relacionados sobretudo com figuras históricas.

A mistura do sagrado e do profano era por demais evidente até nos livros infantis que nos chegavam às mãos. As festas de vilas e cidades associadas a romarias, sobretudo a norte do Tejo, também desfilavam todos os dias perante os olhos das crianças nas escolas. Não há vila, aldeia ou lugarejo que não tenha uma igreja, capela ou nicho de santo.

Vejamos apenas **4 exemplos** reais de como nesse ambiente, num país com uma educação e cultura destas, não seria difícil fazer vingar a ideia de milagre numa situação como a de Fátima .

Por fim no **5º exemplo** à laia de humor apresento uma situação que mistura realidade e ficção.



1 – Rainha D. Isabel: Diz-se que D. Isabel de Aragão, mulher de D. Diniz realizou muitos **milagres** sendo o mais conhecido o “milagre das rosas”, história/milagre criada para compor a aura de santidade da rainha que ficou conhecida como a “Rainha Santa”.

2 – Nuno Álvares Pereira: D. João I, para comemorar a vitória de Aljubarrota sob o comando de Nuno Álvares Pereira, manda construir um majestoso monumento, “em honra de nossa senhora” o “Mosteiro de Santa Maria da Vitória” ou “Mosteiro da Batalha”. Frei Nuno de Santa Maria, como passou a chamar-se quando entrou para o convento do Carmo, seria mais tarde elevado aos altares como “Santo Condestável”. Foi canonizado por Bento XVI em 2009.

3 – Santo António: Fernando de Bulhões, nascido em Lisboa onde começou a sua formação na Sé, completou a sua instrução no Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra. Foi um grande pregador e os seus sermões eram escutados por multidões que se deslocavam de muito longe para o ouvir. Pelas suas “virtudes” e pelos seus “prodigiosos **milagres**” foi canonizado pela igreja católica e **é venerado como santo** em várias partes do mundo. É considerado por muitos o mestre da teologia mariana. Em Pádua, o seu túmulo é visitado todos os anos por milhares de pessoas.

4 – D. Fuas Roupinho: Conta a Lenda da Nazaré que o alcaide D. Fuas Roupinho caçava junto ao litoral, envolto por um denso nevoeiro, quando avistou um veado que começou a perseguir. Quando se deu conta, estava à beira de um precipício e reconheceu o local, mesmo ao lado de uma gruta onde se **venerava uma imagem de nossa senhora**. Rogou então: Senhora, valei-me!. De imediato, **miraculosamente** o cavalo estacou, ficando as patas no penedo rochoso suspenso sobre o vazio, salvando-se assim o cavaleiro da morte certa que adviria de uma queda de mais de cem metros.

5 – António Costa: O Presidente da República rejeitou por completo as declarações de Teodora Cardoso que afirmou que o baixo défice alcançado em 2016 se devia a “**um milagre**”. (continua na última página)





MARIA - SALVA PELA GRAÇA DE DEUS

por Alan Pallister

AS TRADIÇÕES PROTESTANTES, com a sua tendência infeliz de dar pouca atenção à Virgem Maria, receberam um desafio muito forte quando, em 1984, Mark Lowry escreveu a sua canção, que pessoalmente considero

profunda e comovedora: «Mary, did you know?» («Maria, tu sabias?»). Hoje, o hino é amplamente divulgado, sendo cantando inclusive em muitas missas de Natal nas paróquias católicas.

Depois, em 1993, Elaine Storkey, teóloga anglicana, publicou o seu livro, «Mary's Story, Mary's Song» («A História de Maria, a Canção de Maria»), ed. Fount. O livro retrata com grande ternura e com rigor bíblico a Virgem, cuja obediência e dedicação ao Senhor são exemplos para todos os crentes. O então Arcebispo de Cantuária, George Carey, de tradição evangélica, escreveu o prefácio deste livro, recomendando-o em termos calorosos para ser lido nas igrejas.

A verdade é que, ao segurar o seu bebé ao colo, Maria não sabia que o seu Filho iria um dia andar milagrosamente sobre a água, restaurar a vista a um cego ou acalmar uma tempestade. Não sabia que eram as mãos daquele bebé que tinham participado na Criação, nem que um dia o mesmo iria governar as nações. Também não sabia que, ao beijar o seu rosto, estava a beijar a face

de Deus, ou que um dia ela própria haveria de ser livrada ou redimida pelo filho que tinha dado à luz («The child that you've delivered will soon deliver you»).

Mas é neste último ponto que surge o dilema entre a tradição católica e as protestantes ou evangélicas. Apercebi-me, neste último Natal, de artigos e blogues da autoria de padres e teólogos católicos que lamentam a popularidade deste cântico no seu meio e que acham que o seu uso deve ser proibido no culto católico romano. Na minha opinião são estes que estão a ser coerentes com a sua tradição. Quem segue fielmente a doutrina católica não pode aceitar algumas das posições expressas na canção e, sobretudo, a sua afirmação de que Maria haveria de ser salva pelo mesmo bebé a quem ela tinha dado à luz (aqui o jogo de palavras perde-se na tradução: o

verbo inglês «deliver» significa «dar à luz» e «salvar»).

Como evangélicos ficaríamos contentes naturalmente que católicos usassem esta mesma canção, com plena consciência daquilo que significa!

Uma vez que «todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus» (Romanos 3:23) todo o crente evangélico, bem instruído, sabe que

•••
 ao segurar o seu bebé
 ao colo, Maria não
 sabia que ao beijar
 o seu rosto, estava a
 beijar a face de Deus
 •••



Maria, a virgem mãe de Jesus, não pode ter sido uma exceção. Ela precisaria de ser salva através da morte redentora de Jesus, tal como todo o ser humano (à exceção de Jesus - o Filho de Deus feito homem. Há muitos momentos nos relatos dos Evangelhos em que a personalidade da Virgem nos impressiona e sensibiliza, mas não podemos afirmar que noutros momentos vemos uma pessoa totalmente livre de fraquezas ou pecados humanos: como quando, na sua ansiedade, repreende Jesus por ter ficado no templo com os doutores (Lucas 2:48); ou quando com, os seus outros filhos, tenta distrair Jesus do seu ministério de ensino e cura (Marcos 3:31-35); ou, ainda quando fala de maneira a merecer uma ligeira repreensão de Jesus na altura das bodas de Caná (João 2:3-4). O dogma da Igreja Católica não admite nenhuma mancha de pecado original em Maria desde o seu nascimento. Nas palavras de Pio IX, proclamando 'ex cathedra', em 1854, a doutrina da Imaculada Conceição:

«**A BEM-AVENTURADA** Virgem Maria foi, no primeiro instante da sua conceição, por uma graça e favor singular de Deus omnipotente, em previsão dos méritos de Jesus Cristo, salvador do género humano, preservada intacta de toda a mancha do pecado original».

Já me apercebi que muitos evangélicos – e inclusive mesmo alguns católicos (!) – pensam erradamente que a doutrina católica da Imaculada Conceição se refere ao facto de Jesus ter nascido de uma Virgem. Todos os textos oficiais afirmam, e todo o católico bem instruído sabe, que esta doutrina na realidade ensina que a Virgem Maria nasceu sem sombra de pecado original. (Aqui, com al-

guma justiça, o cristão evangélico pergunta: «E a mãe de Maria – tradicionalmente chamada Santa Ana - também terá nascido sem pecado original?»).

De certa maneira o que a doutrina católica está a afirmar é que o Espírito Santo agiu, no caso da Maria, preventivamente. Por causa da obra redentora de Cristo na cruz, Maria, e só Maria entre os seres humanos, foi impedida de alguma vez ter uma atitude ou ato de pecado. Está a afirmar que, no caso de Maria, dizer que ela é «agraciada», especificamente por ser escolhida para mãe do Salvador (Lucas 1:28), não significa que tenha recebido, como nós, o perdão dos seus pecados e a santificação, mas que ela viveu a perfeição (que, no nosso caso, atingimos só no nosso estado final) desde o momento da sua conceição.

Aqui cabe perguntar: «Onde é que a Bíblia ensina, que a graça de Deus, que é a única fonte do perdão para nossa salvação, pode significar isto? Onde é que afirma que algum ser humano, sem ser Jesus, tenha surgido possuindo desde o início a perfeição?».

Creio que a jovem Maria terá ficado cheia de alegria ao perceber que o seu bebé iria ser o Salvador. Ao recebê-lo como bebé estava a ser «agraciada» da forma mais extraordinária. A partir desse momento (ver Magnificat, Lucas 1:46-55), começa a perceber pouco a pouco Quem é que Ele realmente é e o que significa a sal-

vação, que depois em alguma altura ela vem alegremente a abraçar. O que Maria não sabia inicialmente, como todo o verdadeiro crente em Jesus, ela veio a aprender! Alegremo-nos no magnífico exemplo que ela nos deixou.

•••
 Quem segue fielmente
 a doutrina católica não
 pode aceitar o que diz
 a canção, sobretudo,
 a sua afirmação de que
 Maria haveria de ser salva
 pelo mesmo bebé a quem
 ela tinha dado à luz
 •••

Mary, Did You Know? Maria, tu sabias?



NOTA DA REDAÇÃO

Aproveite e coloque no SPOTIFY o none desta maravilhosa canção (música e poema) podendo desta forma encontrar e ouvir variadíssimas versões que foram feitas ao longo do tempo por dezenas de cantores e grupos.

Mary did you know?
 Mary, did you know
 That your baby boy would one day walk on water?
 Mary, did you know
 That your baby boy would save our sons and daughters?
 Did you know
 That your baby boy has come to make you new?
 And this child that you delivered
 Will soon deliver you

Mary, did you know
 That your baby boy would give sight to the blind man?
 Mary, did you know
 That your baby boy would calm the storm with his hand?
 Did you know
 That your baby boy has walked where angels trod?
 And when you kissed your little baby
 You kissed the face of God
 Oh, Mary, did you know?
 Mary, did you know?

The blind will see
 The deaf will hear
 The dead will live again
 The lame will leap
 The dumb will speak
 The praises of the lamb

Mary, did you know
 That your baby boy is Lord of all creation?
 Mary, did you know
 That your baby boy would one day rule the nations?
 Did you know
 That your baby boy is heavens perfect lamb?
 And this sleeping child you're holding
 Is the great I Am

Maria, tu sabias?
 Maria, tu sabias
 Que o teu bebé um dia andaria sobre as águas?
 Maria, tu sabias
 Que o teu bebé salvaria os nossos filhos e filhas?
 Sabias
 Que o teu bebé veio renovar-te?
 O filho que tu fizeste nascer
 Brevemente te fará renascer a ti.

Maria, tu sabias
 Que o teu bebé daria visão a um cego?
 Maria, tu sabias
 Que o teu bebé acalmaria tempestades com um aceno?
 Sabias
 Que o teu bebé andaria por onde passaram os anjos?
 E quando beijasses o teu pequeno bebé
 Beijarias a face de Deus!
 Oh, Maria, tu sabias?
 Maria tu sabias?

O cego verá
 O surdo escutará
 O morto viverá de novo
 O coxo saltará
 O mudo entoará
 Os louvores do Cordeiro!

Maria, tu sabias
 Que o teu bebé é Senhor de toda a criação?
 Maria, tu sabias
 Que o teu bebé um dia governaria as nações?
 Sabias
 Que o teu bebé é o cordeiro perfeito dos céus?
 A criança adormecida que seguras
 É o grande "Eu Sou"

13 Maio '17
das 10h às 17h30

conferência

missionária

com **Edward Luz** (Presidente da Missão Novas Tribos do Brasil) e **ZAMARIAN**
na Igreja Evangélica de Sintra - Vila Verde
Largo das Forças Armadas, 32, 2705-893 Terrugem-SNT

Comunidade de Igrejas de Irmãos em Portugal

FÁTIMA 2017
APONTANDO PARA CRISTO

Ação de formação

25 de Abril

Parceria com:

- DNM** DEPARTAMENTO NACIONAL DE MISSÕES
- AGAPE**
- msd** Missões do Sul
- MEVIC**

Local:
Auditório da Assembleia de Deus de Santarém
Rua 31 de Janeiro, nº 32 – Santarém

Horário: 9h30 – 18h30

Gratuita

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EMRE
28, 29 abril de 2017

“educar para o Ser numa sociedade secularizada”

COMACEP

ORADORES CONVIDADOS

Missionário Pedro Mateus	Dr. Alfredo Abreu	Pastor/Missionário José Bernardo	Dra. Bertina Tomé

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EMRE
2017

educar para o Ser numa sociedade secularizada

LOCAL
Seminário de Alfragide
Largo Padre Adriano Pedrali
Alfragide, Lisboa
Telefone: 21 470 7300

CALENDARIZAÇÃO
Início: 6ª feira, 28 abril, às 13h45
Final: sábado, 29 de abril, às 18h00

MANIFESTAÇÕES DE FÉ

FÉ EM DEUS E FÉ IDÓLATRA

por Ivan Fletcher

TODOS SABEMOS, com certeza, que a fé é muito importante: somos salvos pela graça de Deus mas por meio da fé¹. Sabemos, também, que: Sem fé é impossível agradar a Deus². Mas é essencial que esta fé esteja em Deus!

Todavia a fé, embora sendo o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem³, não se vê. A única maneira de saber da sua existência é através de uma manifestação exterior; uma obra de fé. Tiago desafia-nos a mostrar a nossa fé sem esta ação, ou obra baseada nesta fé e pergunta: se alguém disser que tem fé, sem estas obras ou evidências, esta fé, que disse que tem, pode salvá-lo?⁴ Afirmo, também, que a fé, se não tiver as obras, é morta⁵, e desafia a alguém a mostrar a sua fé sem as suas obras e afirma categoricamente: “Eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras”⁶. Um exemplo da obra de fé, citado por Tiago, é Abraão a oferecer sobre o altar o seu filho Isaac⁷. Certamente foi uma manifestação extraordinária de fé!

A fé também se

● ● ●
foi durante uma
“grande manifestação
de fé” no “grande
Santuário” em
Jerusalém que
o Senhor Jesus Cristo
foi crucificado!

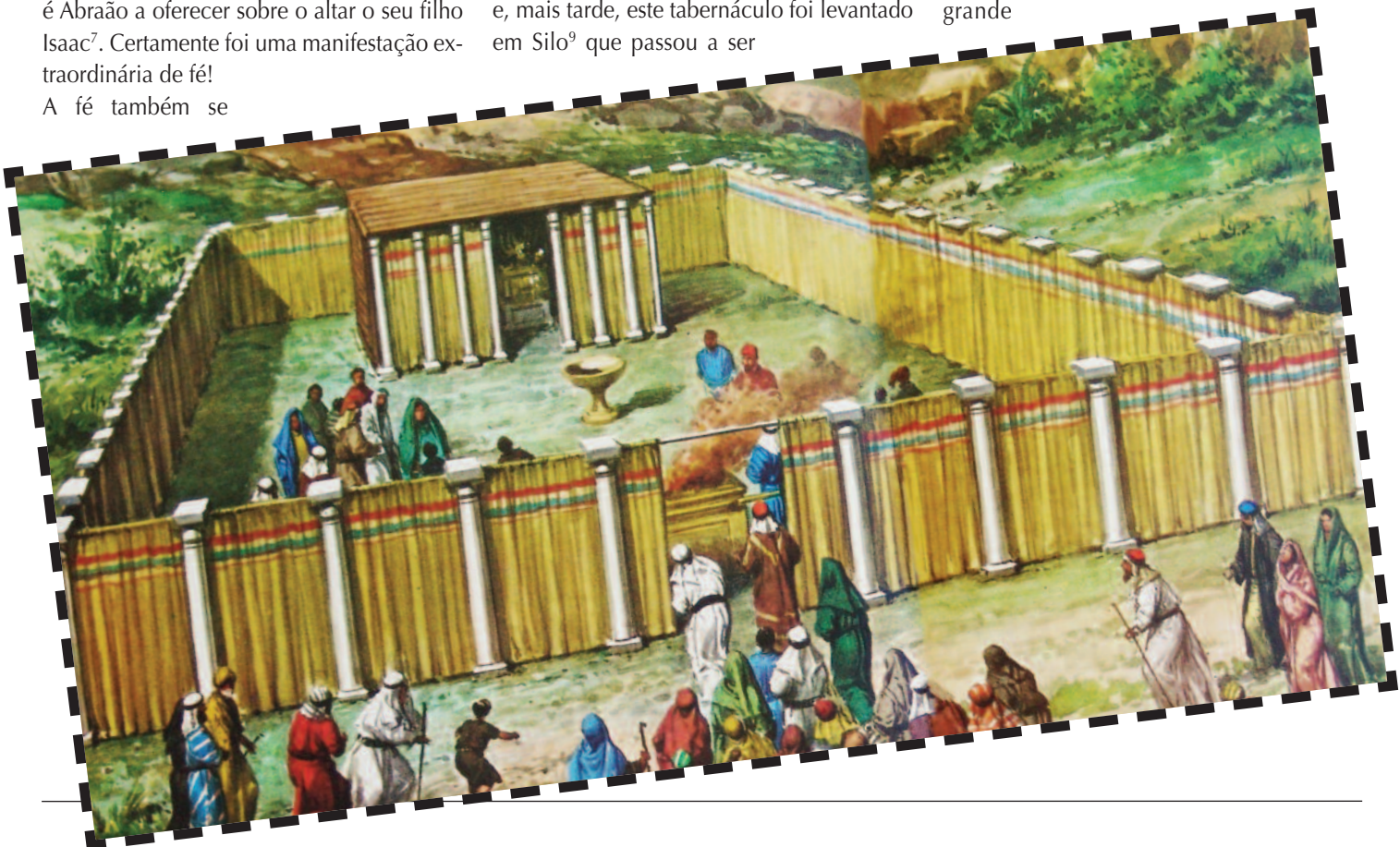
● ● ●

pode manifestar deslocando-se a um santuário numa manifestação para adorar. Adorar a Deus e, também, para adorar um ídolo! Enquanto o Povo de Israel andava no deserto, Deus ordenou que levantasse o Tabernáculo do Testemunho. Ao entrar na terra prometida com Josué, levaram o Tabernáculo com eles⁸ e, mais tarde, este tabernáculo foi levantado em Silo⁹ que passou a ser

um santuário onde as pessoas se deslocaram para adorar a Deus. Elcana manifestava a sua fé em Deus deslocando-se, de ano em ano, da sua cidade nas montanhas de Efraim ao santuário em Silo para adorar e sacrificar ao Senhor dos Exércitos¹⁰. Foi ali que Ana deu ao Senhor o seu filho primogênito, Samuel¹¹. Mais tarde, numa guerra, os filisteus levaram a arca; uma peça fundamental do tabernáculo¹². A arca nunca mais voltou ao tabernáculo até ser levada para o Templo que Salomão construiu.

O tabernáculo, porém, sem a arca, continuou a servir como um santuário onde se deslocavam para adorar a Deus até à construção do Templo.

David, no princípio do seu reino sobre todo o Israel, foi buscar a arca da casa de Abinadab e, depois da casa de Obed-edom, onde ficou depois de os filisteus a terem devolvido, e trouxe-a a Jerusalém numa grande



manifestação de fé¹³. Em vez de colocar a arca no Tabernáculo que, nesta altura estava em Gibeon, foi colocada numa Tenda que David armou, “A Tenda de David”¹⁴. A Tenda de David passou a ser um santuário onde o povo se juntou para adorar o Senhor em grandes manifestações de fé com muita música e cânticos¹⁵.

Apesar de Deus ter mandado Israel desfazer todos os altos dos moradores de Canã,¹⁶ o povo de Israel sacrificava e queimava incenso nos altos porque ainda não se tinha edificado casa ao nome do Senhor¹⁷. O Tabernáculo, sem a arca, foi colocado em Gibeon porque aquele era o alto grande¹⁸. Assim Gibeon tornou a ser um grande santuário. Foi para ali que Salomão, no princípio do seu reinado, se deslocou com toda a congregação, numa grande manifestação de fé, para adorar a Deus e ofereceu mil holocaustos sobre o altar de cobre¹⁹. Foi nesta altura que Deus apareceu a Salomão e lhe disse: “Pede o que quiseres que eu te dê”. Deus ficou tão contente por Salomão pedir sabedoria para julgar a este Seu tão grande povo, em vez de pedir para si riquezas, ou honra ou vitória sobre os seus inimigos, que lhe deu, além de sabedoria, riquezas e honra²⁰.

DEPÓS DE SALOMÃO edificar o Templo em Jerusalém e Deus o santificar e pôr ali o Seu nome²¹, este passou a ser o Santuário onde, três vezes por ano houve grandes manifestações de fé ao celebrarem as festas da Páscoa / Pães Asmos, dos Primeiros Frutos / Semanas ou Pentecostes e o fim da Ceifa ou Festa dos Tabernáculos²².

● ● ●

a fé também se pode
manifestar
deslocando-se a um
santuário numa
manifestação para
adorar. Adorar
a Deus e, também,
para adorar um ídolo!

● ● ●

Depois da morte de Salomão, Israel dividiu-se em dois reinos (o reino de Judá no sul e o reino de Israel no norte).

Como Jerusalém, onde estava o Templo, ficou no reino de Judá no sul, Jeroboão, rei de Israel no norte, fez dois bezerros de ouro e edificou dois santuários para eles, um em Dã no norte e outro em Betel no sul do seu reino²³, para o seu povo não ir adorar a Deus no Santuário em Je-

rusalém. Deus enviou um profeta para, com a Sua palavra, clamar contra o altar idólatra em Betel²⁴. Assim o reino de Israel passou a ser um reino idólatra.

O REINO DE ISRAEL nunca se apartou desta idolatria, o grande pecado de Jeroboão que fez pecar a Israel, e foi esta a razão por que o Senhor tirou a Israel de diante da Sua presença²⁵.

Jeroboão também escolheu um dia: no oitavo mês, no dia décimo quinto do mês, para realizar uma festa; manifestações e sacrifícios aos bezerros em Betel e Dã²⁶, para o povo do reino de Israel fazer peregrinações a estes dois santuários e houve grandes manifestações da fé. Mas era uma fé idólatra.

Manifestações de fé são importantes mas fé em quê? É importante que esta fé esteja em Deus²⁷!

Foi durante uma “grande manifestação de fé” no “grande Santuário” em Jerusalém que o Senhor Jesus Cristo foi crucificado! ●●

1) Ef 2:8. 2) Hb 11:6. 3) Hb 11:1. 4) Tg 2:14. 5) Tg 2:17.

6) Tg 2:17. 7) Tg 2:21. 8) At 7:44,45. 9) Js 18:1.

10) 1 Sm 1:3. 11) 1 Sm 1:24-28. 12) 1 Sm 4:10,11.

13) 2 Sm 6:12-19, 1 Cr 15:1-28. 14) 2 Sam 6:17.

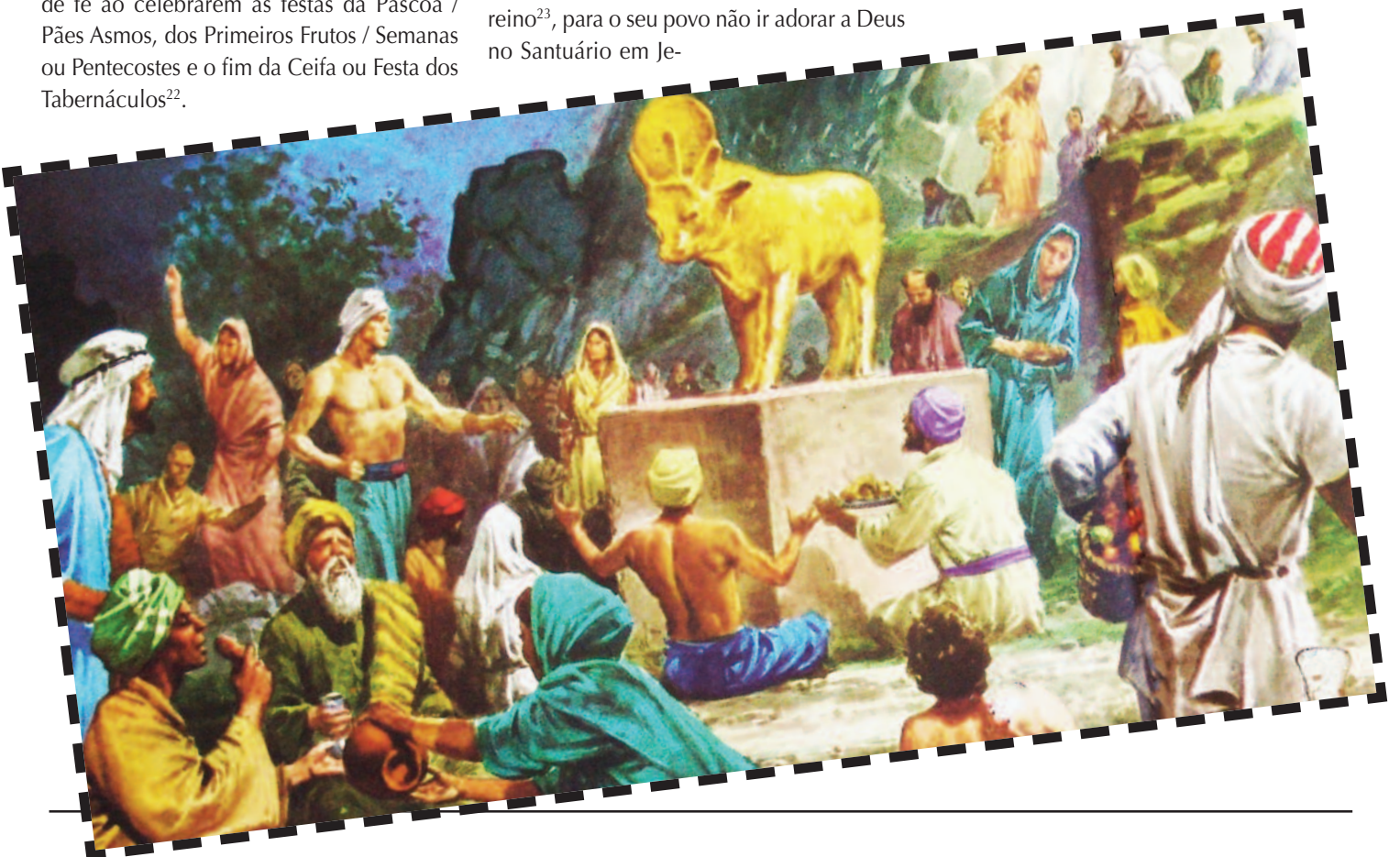
15) 1 Cr 16: 4-43. 16) Nm 33:52. 17) 1 Rs 3:2,3.

18) 1 Rs 3:4. 19) 2 Cr 1:1-6. 20) 2 Cr 1:7-12.

21) 1 Rs 9:3. 22) Ex 23:14-17. 23) 1 Rs 12:26-30.

24) 1 Rs 13:1-3. 25) 2 Rs 17:20-23. 26) 1 Rs 12:32,33.

27) Mc 11:22, 1 Pe 1: 21.



DONALD TRUMP E OS EVANGÉLICOS

por José Carlos Oliveira

É sabido que a maioria dos evangélicos americanos deu o seu voto a Donald Trump. As estimativas mostram que 81% dos evangélicos votaram no magnata truculento e eles lá sabem porquê.

O ESCRITOR Tony Campolo, conselheiro do ex-presidente Bill Clinton, não tem dúvidas de que a vitória do novo presidente americano se deveu, em larga medida, “a homens brancos evangélicos”. Jerry Falwell Jr., presidente da Liberty University, uma instituição evangélica, acredita que apenas as lideranças dentro das denominações é que se dividiram em relação a Trump. Em declarações ao Christian Today afirma: “Os evangélicos já apoiavam maioritariamente Trump muito antes dos líderes o fazerem”. É também público que até a Associação Evangelística Billy Graham não escondeu o seu apoio ao novo inquilino da Casa Branca e, perante o meu espanto, (que persiste) alguém me perguntava se eu achava que todos os evangélicos que votaram nele eram estúpidos. Respondi que esperava que não.

Seja como for, continuo a interrogar-me sobre o que poderá ter levado pessoas, espiritualmente esclarecidas, que conhecem o Deus que ama a todos e a ninguém exclui, que nos ensina a amar a todos sem excluirmos ninguém, a dar o seu voto a alguém que dificilmente se livra da imagem de xenófobo, racista, misógino e homofóbico.

Tendo em atenção todo um passado, atitudes e fraseado de Trump (incluindo as acusações de abuso sexual e dos múltiplos casamentos), Jerry Falwell Jr. diz: “Os evangélicos acreditam que todos somos pecadores. Todos erramos, todos precisamos de perdão”. E eu não posso discordar disto. Falwell acrescenta: “O Donald Trump que conheço tem um grande coração, ama o povo, ama o seu país”. Até

pode ser que sim.

Alguns evangélicos americanos gostaram, certamente, de ter ouvido Trump afirmar: “Eu sou presbiteriano e tenho orgulho nisso. Eu serei o maior representante do povo evangélico de todos os tempos, chamaremos a atenção sobre a violenta perseguição que ameaça os nossos irmãos cristãos e as pessoas de outros credos no mundo inteiro, especialmente no Médio Oriente. O cristianismo está a ser podado. Quero devolver o poder à igreja. Eu acho que a religião é uma coisa maravilhosa. Acho que a minha religião é uma religião maravilhosa”. Os evangélicos americanos podem ter gostado de ouvir isto, mas a mim não me agrada nada ouvir um político como Trump garantir que vai ser “o maior representante do povo evan-

gélico de todos os tempos”. Uma coisa é votarmos num político, outra bem diferente é colarmo-nos a ele, para o bem e para o mal. É que eu ainda me lembro de alguns evangélicos, bem conhecidos, que no passado se arrependeram por se terem colado demasiado a Richard Nixon. O escândalo que tingiu Nixon não deixou de “salpicar” os evangélicos que lhe deram o seu apoio de forma tão notória.

Apesar de Trump se declarar cristão, antes das eleições (no início de 2016) uma sondagem mostrou que 60% dos americanos acreditavam que Donald Trump não tinha qualquer religião e pessoas que conhecem bem o magnata riem-se, sempre que colocadas perante a possível religiosidade do novo presidente americano.

Stanley Hauerwas, teólogo protestante e filósofo, professor de Teologia na Universidade de Notre Dame e, ocasionalmente, professor da cátedra Gilbert T. Rowe de Ética Teológica da Escola de Teologia da Duke University, escreveu um artigo muito oportuno a respeito de Donald Trump onde aconselha os evangélicos a terem cuidado com as suas convicções religiosas. Nesse artigo somos lembrados de algumas das suas frases e decisões. Uma dessas frases coloca sérias reservas à crença de que ele saiba o que significa ser cristão. Trump diz “não necessitar de orar para pedir a Deus perdão dos seus pecados, porque nunca fez nada de grave que o leve a necessitar disso.” Trump gosta de se considerar, teologicamente, influenciado por Norman Vincent Peale, que escreveu o livro “O poder do pensamento positivo”, livro controverso entre muitos evangélicos. De resto, numa apresentação desse livro pode ler-se: “Neste livro vais aprender a: ter confiança em ti mesmo; acabar com a exaltação e a agitação; ter energia constante; empregar a fé na cura; acabar com as preocupações;



Trump diz “não necessitar de orar para pedir a Deus perdão dos seus pecados, porque nunca fez nada de grave que o leve a necessitar disso.”



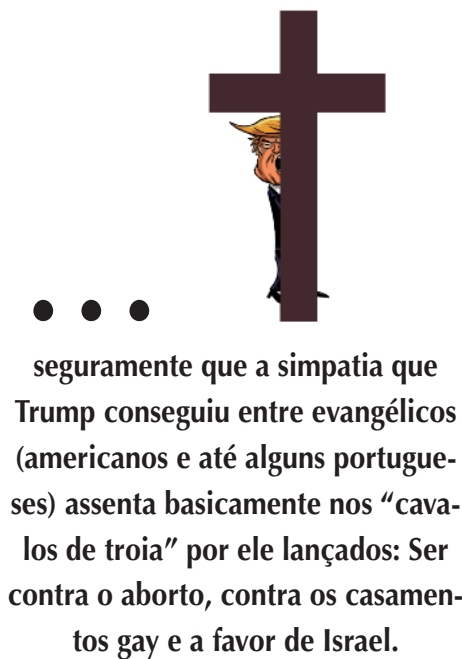
fazer com que as pessoas gostem de ti; recorrer ao poder supremo e criar a tua própria felicidade.” Esta apresentação fala por si.

Tudo indica que Trump leu este livro e, por isso, não é de estranhar que ele faça afirmações baseadas no pensamento positivo, tais como: “Eu vou devolver ao nosso país a grandeza que ele já teve. Eu vou acabar com o terrorismo. Eu vou criar empregos como nunca se viu. Eu vou ser o maior representante do povo evangélico de todos os tempos. Eu vou devolver o poder à igreja, etc. etc.” Será que Trump se considera uma espécie de “messias salvador”?

Para além do incremento da “ideologia populista”, que coloca em causa o sistema que tem vigorado e de que muitos cidadãos já se fartaram, que permeia os discursos e promessas de Trump, há outros fatores que devemos considerar. Não deve ter sido fácil escolher entre dois males. Entre a liberal Hillary Clinton (que prometia continuar na mesma linha de Obama) e o conservador Donald Trump (que prometia arrasar com tudo e construir de novo). Mas seguramente que a simpatia que Trump conseguiu entre evangélicos (americanos e até alguns portugueses) assenta basicamente nos “cavalos de troia” por ele lançados: Ser contra o aborto, contra os casamentos gay e a favor de Israel.

A PARENTEMENTE de nada vale chamar-se a atenção para o facto de, em regimes laicos, se esperar dos eleitos que governem para todos, sem segregar quem quer que seja. Que não se espera, à imagem das repúblicas islâmicas, que esses governos decidam, por exemplo, sobre o comportamento moral e sexual dos cidadãos (promovendo a lapidação de mulheres adúlteras ou o enforcamento de homossexuais), a menos que o comportamento moral e sexual de uns coloque em causa os direitos e liberdades dos outros. Será que, como evangélicos, deveríamos defender a instauração de “repúblicas evangélicas” e escolher os políticos que estivessem dispostos a implementá-las?

Uma das decisões de Trump, destacadas por Stanley Hauerwas, prende-se com a proclamação do dia 20 de Janeiro (o dia da sua tomada de posse) como o “Dia nacional de devoção patriótica”. A base para esta decisão



seguramente que a simpatia que Trump conseguiu entre evangélicos (americanos e até alguns portugueses) assenta basicamente nos “cavalos de troia” por ele lançados: Ser contra o aborto, contra os casamentos gay e a favor de Israel.

está no facto de Trump achar que não há pessoas no mundo tão especiais como os americanos. Stanley Hauerwas lembra que os cristãos devem a sua devoção a Deus e não à pátria e que todos os seres humanos são criação de Deus e amados por Ele. A pensar nisto, Hauerwas diz que Trump até pode ser religioso mas que a sua igreja é a América. Com base nisto fica no ar a pergunta se esta decisão não tresanda a idolatria?

Pessoalmente, não creio que Donald Trump seja cristão e para mim isso não é condição “sine qua non” para se votar, hoje, em qualquer projeto político. Para mim ele é um empresário que já experimentou o sucesso e o insucesso nos negócios, uma figura pública controversa (por diferentes e às vezes bizarras razões) e um político populista que promete o que não vai poder cumprir. Acredito que ele é um ator (habilidade que deverá ter aprendido nas suas participações em reality shows) e não me custa acreditar que, à sua maneira, seja também um patriota e que a América é o seu céu. Nada disto me admira. Admira-me é que cristãos (mesmo em Portugal) consigam olhar para ele, aparentemente, com tal esperança como se ele fosse uma espécie de salvador, capaz de moralizar a nação (apesar da sua própria imoralidade), de conseguir o sucesso da América (apesar dos seus insucessos já experimentados nos negócios) e pacificar a nação (apesar de Trump nada ter de pacificador).

NESTA ALTURA, seguramente, alguns leitores estarão cheios de vontade de me lembrar o que a Bíblia ensina sobre o dever de honrarmos os governantes. Sobre o dever de orarmos por eles em lugar de os criticarmos. Sobre isto gostaria de dizer que isso é assim e não é bem assim. Paulo, por exemplo, mandou-nos honrar o rei mas os cristãos, no início da igreja, não deixaram de afrontar o imperador romano. Quando, em lugar de dizerem que César era o Senhor, diziam que Jesus Cristo era o Senhor, estavam, claramente, a tomar uma posição contrária à lei do imperador (no seu desejo de ser entronizado como deus), sem que com isso tencionassem desrespeitá-lo enquanto governante. O apóstolo Pedro chegou a clamar que “mais importa obedecer a Deus do que aos homens”. Claro que, como crentes, devemos orar por Donald Trump e o seu governo (da mesma forma que o fazemos com outros líderes e outros governos), mas será que devemos (e podemos) ser acrílicos?

Donald Trump foi, democraticamente, escolhido pelos americanos para ser o seu presidente. Mas ele é apenas um ser humano, com virtudes e defeitos, que precisa que alguém tenha a coragem de lhe lembrar isso mesmo. Sobretudo é necessário que os evangélicos o ajudem a não enveredar por políticas que não respeitem TODOS os seres humanos e lhe lembrem que ele não sabe nem pode tudo. Que lhe façam saber que a igreja não precisa da sua proteção já que a igreja tem um único dono, Jesus Cristo, e esse dono cuida do que lhe pertence. Que o façam entender que a nossa devoção é devida apenas a Deus.

Não será fácil passar esta mensagem a alguém que parece julgar-se mais do que aquilo que é e que aparenta ter um ego do tamanho do universo, mas uma sindicância feita pelos evangélicos à governação do presidente americano bem como, se necessário, uma clara tomada de posição pública, sempre que Trump “pisar o risco”, ficará para memória futura.

A pensar em Trump creio, sinceramente, não ser a melhor atitude recusarmo-nos a gritar que “o rei vai nu” se vislumbrarmos que “o rei está despido”. ●●

AMOR E UNIDADE NO CORPO DE CRISTO

por
Heinz
Mulheim

INTRODUÇÃO:

O maior mandamento que Jesus Cristo nos deixou em Mateus 22:37-40 é:

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.”

Porque diz Jesus que devemos amar o próximo como a nós mesmos?

Será que temos realmente amor-próprio? A psicologia diz que não porque, segundo o que ensina, o ser humano tem falta de uma boa auto-estima.

No entanto, o apóstolo Paulo diz em Ef. 5:29 “Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, ...”

Em João 13:34-35, Jesus acrescenta: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. - Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”.

A finalidade deste mandamento é que “todos conheçam que sois meus discípulos”.

Nas últimas instruções que Jesus deixou aos discípulos e antes de ser levado à Cruz, ELE orou por eles e por nós. Pedindo ao Pai que haja união e amor entre todos que creem nele. (Por favor leiam no Ev. de João, capítulo 17 os versos 14-26.)

Aí vemos que a vontade de Jesus é que os verdadeiros cristãos sejam um (formando o corpo de Cristo aqui na terra), tal como ELE e o PAI são UM.

1 A BASE DESTA UNIDADE ENTRE CRISTÃOS

Quando lemos a primeira epístola de João, capítulo 1, vemos que só é cristão e discípulo de Jesus quem:

- Anda na luz da Verdade e se afasta das trevas do pecado, da mentira e de falsa religião.
 - Confessa seus pecados, experimentando a purificação pelo sangue de Jesus
 - Está em verdadeira comunhão com Deus
- Só nesta base podemos viver em comunhão e unidade uns com os outros !

2 A RAZÃO DE NOSSA UNIÃO E COMUNHÃO

A nossa unidade deve ser o reflexo da própria divindade de Deus: versículo 22 «E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um.»

Sendo a razão desta união dos crentes: “para que o mundo creia que o Pai enviou seu Filho até nós”. O amor e a comunhão orgânica, funcional e objetiva entre crentes é o testemunho mais

poderoso junto do mundo perdido.

Por isso nenhum cristão deve viver: uma vida isolada, ser individualista, sem amar, ajudar e interessar-se pelos outros irmãos.

Após a minha conversão, achava que o melhor testemunho que podia dar era não falar. Mais tarde achava que o melhor era divulgar a Palavra de Deus.

Mas, a Palavra de Deus nos mostra que de nada adianta falar línguas, ter o dom de profecia, conhecer toda a ciência, ter toda a fé para transportar montanhas, distribuir toda a fortuna aos pobres e ainda ser queimado, sem possuir e manifestar O AMOR DE DEUS. I Cor. 13:1-3

Jesus orou ao Pai pedindo que o nosso testemunho a dar ao mundo como igreja do Senhor seja “amando-nos uns aos outros, como Ele nos amou e que estejamos unidos.”

É exatamente neste ponto que satanás nos ataca todos os dias e em todas as congregações cristãs através do mundo, usando nossa velha natureza no sentido :

- Que haja mal estar, críticas, ofensas e que numa e mesma congregação crentes não se falem nem se perdoem.

- Que Igrejas e ministros que adoram o mesmo Senhor Jesus, seguindo a mesma Palavra de Deus, não sejam capazes de cooperar juntos.

- Que haja Igrejas onde reina a competição e a inveja.

- Que o individualismo de certos servos de Deus, que tudo ou quase tudo querem fazer sozinhos, não reconhece os dons que Deus tem dado aos outros irmãos da igreja.

- Que haja pastores que dizem “o púlpito da minha igreja é meu”, afirmando que são os detentores de toda a verdade e conhecimento da Palavra de Deus.

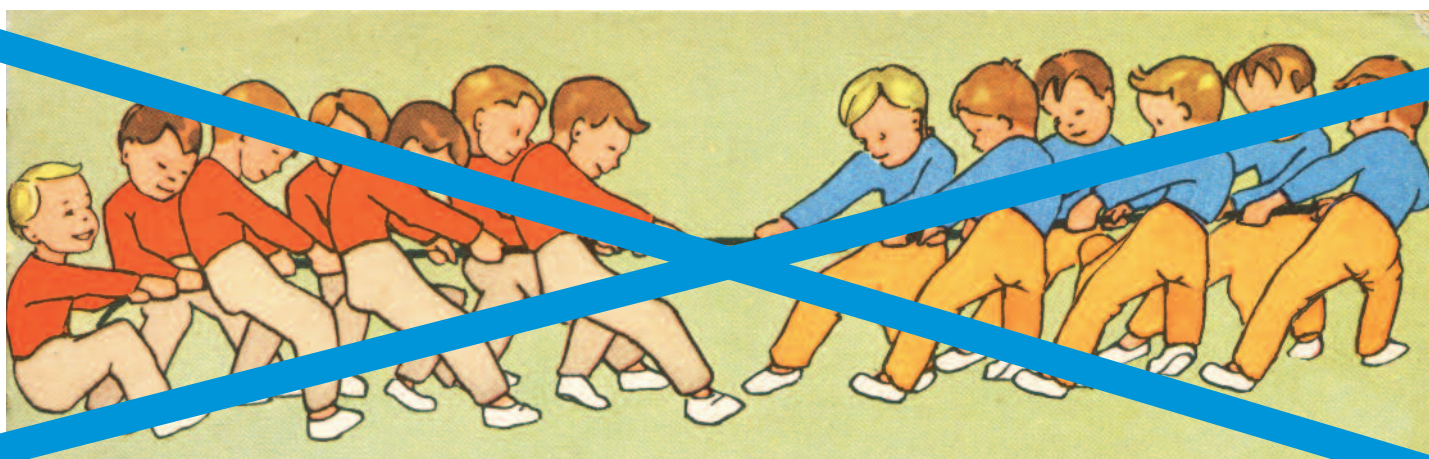
Tenho saudades das grandes conferências na minha terra onde Deus usou vários oradores e servos de Deus que nos ensinaram e estimularam na Fé e Obra do Senhor.

De facto, viver em santidade, falar do Evangelho e difundir a Palavra de Deus é justo e deve ser um testemunho permanente, mas se não há unidade e amor verdadeiro entre os irmãos, todas as formas de testemunho perdem o seu impacto, porque só onde os irmãos vivem em união o Senhor ordena a bênção e a vida. Salmo 133:1-3

UNIDADE NA PRÁTICA

3 No N.T. encontramos, em praticamente todas as epístolas, exortações para amarmos e perdoarmos uns aos outros, vivendo em comunhão, e para estimularmos uns aos outros ao amor e às boas obras. Hoje em dia fazem-se grandes esforços a nível nacional e internacional para unir os crentes em congressos e convenções, como por exemplo agora para os quinhentos anos de Martino Lutero.

Mas não é Lutero que deve unir a Igreja do



... que o nosso testemunho a dar ao mundo como igreja do Senhor seja "amando-nos uns aos outros, e que estejamos unidos ...

Senhor. Jesus Cristo deve ser o centro e a atração da nossa atenção... ELE é a Cabeça da Sua Igreja. E a prática desta comunhão deve começar em cada igreja local. Se ela não funciona localmente, também não funcionará a nível global. Paulo, escrevendo aos Coríntios, diz: (I Cor.12:12-27) «**Ora vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular.**» Paulo usa a imagem do corpo humano, cujos membros se completam uns aos outros. Todos os membros do nosso corpo têm falta uns dos outros e cuidam uns dos outros.

Ora, cada membro no corpo de Cristo tem uma função, Paulo nos mostra isto em Rom. 12:3-8 «**Porque, pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não saiba mais do que convém saber, mas que saiba com temperança, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar haja dedicação ao ensino; ou o que exorta use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria.**»

Aparecem os dons como : ministrar = servir, ensinar, exortar, repartir = praticar a liberalidade, presidir = facilitador de trabalhos, exercitar a misericórdia = sendo samaritano. Todos esses dons e funções devem ser exercidos em amor uns pelos outros, sem fingimento. «**O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em**

honra uns aos outros.» (Rom. 12:9-10)

A unidade no corpo de Cristo não é algo físico ou cultural, mas é espiritual. A unidade já existe, apenas somos exortados a procurá-la e a guardá-la Ef. 4:1-6.

«**ROGO-VOS, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.**»

Esta procura leva-nos a ser humildes, mansos, perseverantes, suportando-nos uns aos outros - em amor.

Esta unidade no corpo de Cristo deve também expressar o nosso objetivo final que é a edificação do corpo de Cristo. Ef. 4:11-16 Isto significa equipar os santos para o trabalho de Deus, que tem como alvo levar almas a Cristo.

O apelo missionário de Cristo é dirigido a toda a Igreja e a todo o corpo de Cristo - Mat. 28:18-20 «**Portanto ide, ensinai todas as nações**» Paulo sentiu-se devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios, como a ignorantes e acrescenta: «**Porque não me envergonho do evangelho de Cristo pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê...** » Ro. 1:14-16 Daqui a 100 anos não interessará qual foi o nível de vida que tivemos, - se éramos pobres ou ricos, - se morávamos em casas velhas ou novas, - se tivemos muita ou pouca instrução. Tudo isto já não terá importância.

- Mas, o que será importante daqui a 100 anos, para nós, como para todos os que nos

rodeiam, é ter ou não ter a salvação eterna. É por isso que precisamos de testemunhar, enquanto é tempo da graça, antes que a noite venha, onde será tarde demais. Em Filip. 1:27-30 Paulo nos exorta a combater juntamente com o mesmo ânimo, pela fé do evangelho... (tradução de O Livro)

«**Mas devem conduzir-se sempre conforme o evangelho de Cristo; e quer eu possa ver-vos, quer não, que aquilo que se diz a vosso respeito seja que vocês continuam unidos espiritualmente, combatendo juntos, num mesmo propósito de espalhar a fé que nos vem pelo evangelho de Cristo. Não tenham receio dos que resistem: isso mesmo é o sinal de que caminham para a perdição. Mas para vocês é a indicação de que da parte de Deus vos é concedida a vida eterna. Porque a vocês vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele! Estamos, vocês e eu, empenhados no mesmo combate, combate esse que vocês me viram sustentar no passado e que, como sabem, continuo a travar**».

Irmãos, será que a salvação do nosso povo, família, parentes, amigos, cidadãos e estrangeiros nos preocupa realmente? Não deveríamos unir-nos muito mais nesse combate pela fé que nos vem pelo evangelho de Cristo? Há tantas outras coisas que roubam o nosso tempo. Vemos irmãos e irmãs que lutam sozinhos nesse combate e são poucos! Mas, certo é que juntos, unidos e no mesmo ânimo será mais fácil e dará mais resultados para a glória de Deus. - Que Deus nos dê a graça de viver como a primeira Igreja em Jerusalém da qual lemos:

«**A cidade inteira via-os com bons olhos e todos os dias Deus ia acrescentando ao seu número aqueles que se salvavam**». (Atos 2:47 O Livro)

ARLETE SANTOS porque SANTOS DA CASA FAZEM “MILAGRES”

entrevistada por Osvaldo Castanheira (1ª parte)

Porquê uma entrevista à Arlete Santos? Porque o seu percurso de vida é tão cheio e intenso que se justifica perfeitamente à laia de homenagem registá-lo aqui. Porque é uma pessoa que caminha na sombra, sem se dar por ela, tentando passar o mais despercebida possível e faz tudo e mais alguma coisa com carinho e abnegação. Porque pode e deve servir de exemplo para que se faça com outras mulheres e homens, de outras comunidades o mesmo: uma entrevista.

Há vidas grandes que merecem ser conhecidas antes de terem atingido uma idade muito avançada ou ainda pior, só depois da sua morte. Leiam que ficam mais ricos. Leiam e deem a ler a jovens e adolescentes, porque os “heróis da fé” não são só os dos tempos bíblicos ou os dos primórdios da propagação do evangelho em Portugal.

Por ser um pouco extensa a entrevista será dividida em duas partes, a primeira passada quase toda na então colónia portuguesa de Angola e a segunda parte já no “continente”.



Onde nasceste?

Nasci em Angola, no Bailundo (Vila Teixeira da Silva), uma cidade e município da província do Huambo.

Que recordações tens da tua família na infância?

Tive o privilégio de nascer e crescer numa família alargada, com irmãos, primos, avós e tios. Não podendo ter tudo o que queria, a melhor recordação que tenho é dos meus pais, que já faleceram, terem transmitido aos filhos uma forma de estar na vida assente na partilha e no pensar no outro. Eles tornaram o lar num espaço hospitaleiro não só para os filhos, mas para muitos jovens que acolheram, e deste modo fui ganhando irmãos de afeto. Assim, a minha infância foi marcada por uma dinâmica de vivência familiar intensa, com rigidez, tarefas definidas, prestação de contas e responsabilidade partilhada por todos. Vivendo num território assolado pela guerra colonial, tivemos bem cedo de aprender também a gerir fronteiras e perigos diários.

Sendo sete irmãos, 4 raparigas (Dina, Lena, eu e a Eunice) e três rapazes (Mário, Vítor e Joel), tínhamos de assimilar o quotidiano numa interajuda, sendo amigos inseparáveis nas brincadeiras, mas também nas tarefas mais difíceis. Os rapazes protegiam e ajudavam as irmãs, e nós sabíamos que podíamos contar com eles. Hoje não conto no dia-a-dia com a ajuda do Vítor porque já partiu para o Senhor.

Ansiávamos a chegada do domingo para irmos à Escola Dominical. Bem cedo a Igreja começou a ser a extensão da nossa família. O mo-



Igreja Evangélica dos Irmãos no Luso, Moxico



Arlete Santos com alguns jovens da igreja

mento de lazer preferido era cantar e ir tomar umas banhocas ao rio Luena, “apesar do medo que eu tinha dos jacarés”. O percurso era efetuado numa carrinha Peugeot de caixa aberta, os meus pais iam nos dois lugares da frente, eu e os meus irmãos na parte de trás. Assim viajávamos, sem cintos de segurança, por caminhos de terra batida em direção ao rio, e, claro, com um belo picnic. Belos momentos, pelo anseio do encontro com os nossos amigos da escola e da igreja.

Quais as primeiras recordações que tens, de uma igreja e onde foi?

Foi em Angola, precisamente no Luso, hoje Moxico. Era uma Igreja Evangélica dos Irmãos, com liderança intercultural, angolana, portuguesa e americana. Tinha uma extensão da Escola Bíblica de Emaús e uma boa relação com outras igrejas evangélicas da cidade e arredores. Recordo os encontros evangelísticos que se faziam em vários locais, os corais de irmãos angolanos cuja forma de cantar era de arrepiar, os batismos no rio Luena, as boas recordações da Escola Dominical e dos acampamentos. Os meus pais espirituais eram os missionários Clifford e esposa Sherley Beggs ¹, Elisabeth Davis ², e Mário e Ricardina Faria ³, entre outros. Tenho ainda recordações de pessoas estranhas que assistiam por vezes ao culto e que os meus pais nos explicavam depois pertencerem à polícia política (PIDE).

Qual era a ocupação dos teus pais?

A minha mãe biológica faleceu muito nova, por isso não tenho memória da sua ocupação. O meu pai ficou órfão de pai aos 12 anos. Bem cedo começou a trabalhar por conta própria na área do comércio. Mais tarde, no Luso, já casado com a minha segunda mãe, trabalhou na Torre de controlo do aeroporto, mas por pouco tempo, passando a ser fiel de armazém de empresas de distribuição alimentar, ausentando-se de forma sistemática e prolongada de casa e da família. Passou por momentos complicados, porque os percursos de estrada tinham de ser efetuados com escolta militar devido à guerra colonial. As suas ausências eram preocupação para a minha mãe que ficava sozinha com todos os filhos, mas sendo uma mulher corajosa e com a ajuda dos meus irmãos mais velhos tudo foi sendo ultrapassado. A minha mãe antes de casar trabalhou na Missão Evangélica do

Dondi, dando formação de costura, cozinha e pastelaria, tendo muito gosto por estas profissões. Era uma verdadeira artista.

A Missão tinha como objetivo transformar homens e mulheres pelo evangelho. Foi estabelecida oficialmente em 1914 pela ideia genial do Rev. Dr. Walter Currie seu fundador, missionário pioneiro em Angola da Sociedade Missionária Congregacional do Canadá, dando ênfase que a Igreja Congregacional fundada em 1880, em Angola, não seria sustentada sem investimento na educação, na componente espiritual e no desenvolvimento industrial, apelando ao esforço de todas as Missões existentes naquela altura para a implementação de um programa de intervenção diversificado.

Ao vir viver para o Luso também foi na área da costura e restauração que sempre trabalhou. Tendo uma empresa familiar, servia refeições diárias para profissionais portugueses e efetuava catering para festas temáticas.

Os meus pais colaboravam na igreja, ministravam a hospitalidade hospedando missionários, estrangeiros e outras pessoas que procuravam ajuda. Foi neste contexto que tivemos a oportunidade de conhecer vários

irmãos das congregações dos irmãos de Portugal.

Depois foi a vivência em Portugal. A minha mãe continuou a desenvolver a sua arte, o meu pai durante um período trabalhou no Apoio Internacional Cristão em Portugal, colaborando no apoio aos refugiados e retornados. Do seu rendimento compravam Bíblias para oferecer. Ainda com os filhos e em colaboração com os irmãos Fausto e Sílvia Mathez e alguns jovens da Igreja das Boas Novas desenvolveram ministério de evangelização em dois alojamentos de refugiados em Algueirão-Mem Martins, onde mais tarde alguns jovens da igreja Evangélica de Sintra, impulsionados pelo ancião António Calaim, apoiaram este ministério.

Quando e porquê vens de Angola para o “continente”?

Vim de Angola a 8 de outubro de 1975, um mês antes da independência daquele país, por decisão dos meus pais, fazendo parte dos que chegaram a Portugal com a independência das colónias. Fomos forçados a deixar Angola. O meu pai era de ascendência beirão (Seia). Apesar das circunstâncias, aprendi que Deus é o nosso suprimento



Com alguns amigos na margem do rio Luena



Camilo Santos e Amélia Santos pais da Arlete

exato e que nos sustém, ainda que tenhamos de perder as pessoas e coisas que tanto amamos (Habacuque, 3:17-18).

Vêm viver para onde e em que condições?

Nos primeiros anos ficámos a viver em alojamento coletivo no Hotel Golf Mar, no Vimeiro, sendo mais de mil refugiados sob tutela do Instituto de Apoio aos Retornados (IARN). O diretor desta unidade hoteleira procurou dar trabalho a alguns dos refugiados e assim a minha mãe, eu e as minhas irmãs fomos trabalhar para a pastelaria do hotel. Os meus pais integraram a Comissão de Apoio aos Refugiados, fazendo a ponte com o IARN para as várias necessidades em termos de documentação e Ministério de Educação, para que as crianças e jovens voltassem a ter ensino. Havendo muitas crianças e jovens no alojamento e sem ocupação, os meus pais incentivaram-nos a começar a dar Escola Dominical. Foi-nos dada autorização pela Direção do Hotel e facultadas salas para o efeito, e assim se iniciou a evangelização para os mais novos. A evangelização de adultos é posterior e apoiada por irmãos de algumas igrejas evangélicas dos irmãos de Lisboa, Caldas da Rainha e Sintra, por influência do casal Poland, Ronald Molton e Elisabeth Davis. Mais tarde também o casal Lovel apoia este ministério. Com a autonomização familiar proposta pelo IARN e também os meus pais se sentiram cansados da vivência de alojamento coletivo e a par da relação com a família Lovel, abre-se o caminho para a nossa deslocação para Sintra em 1978.

Como aparecem depois no Algueirão e porquê essa escolha?

Ao estarmos em Sintra os meus pais adquirem casa no Algueirão-Mem Martins, freguesia em expansão e com acesso fácil a Lisboa. À data tornava-se um lugar ideal para viver, trabalhar, estudar e com perspetiva de conhecer a igreja dos irmãos em Sintra, que se concretiza através do contacto com o Pastor Abel Rodrigues.

Porquê uma igreja dos Irmãos?

Porque em Angola já frequentávamos a igreja dos Irmãos, seria mais fácil integrar uma igreja com o mesmo pensar e pela necessidade de termos comunhão com outros, algo muito presente nas comuni-

dades dos irmãos.

Como são recebidos (integrados)?

Fomos bem recebidos. A integração foi iniciada pelo pastor Abel Rodrigues dando continuidade o ancião António Calaim. A adaptação foi-se efetuando, eu e os meus irmãos fomos estabelecendo laços com os jovens da Igreja, salientando o apoio inicial dado por Daniel Lima, José Batista, Carmo Ferreira, Cristina Calaim, Dina Lacerda, Carlos Lacerda, José Lacerda, Anabela Ventura, Osvaldo Castanheira e ainda um conjunto de famílias da igreja. Apesar das incertezas e de ter passado pela perda de identidade, o cuidado de Deus foi-se tornando cada vez mais aparente e comecei a entender que a minha identidade (enquanto referências do local onde nasci e das minhas primeiras vivências) está fixada na paz de Deus e assim a minha fé fortaleceu-se e comecei a participar na igreja.

Até que ano estudaste em Angola? E depois aqui como foi o teu percurso de estudos?

A formação académica vai-se efetuando de acordo com as necessidades e exigências profissionais, Em Angola estudei até ao 8º ano. Ao chegar a Portugal terminei o 9º ano, depois dá-se a interrupção escolar porque tive de começar a trabalhar. Retomo os estudos mais tarde: Lembro-me que quando terminei o 12º ano, fui incentivada por vários professores a continuar a estudar, e assim candidatei-me ao ensino superior. No dia anterior ao encerramento das candidaturas, os meus pais receberam uma chamada telefónica do Ministério de Educação em como não constava do meu processo a avaliação do meu percurso escolar em Angola, pelo que viemos a saber que quando chegamos de Angola os processos foram canalizados para a primeira escola que frequentamos em Portugal, no meu caso Torres Vedras, onde terminei o 9º ano.

E por causa disso uma “pequena” aventura!

Sim, na manhã seguinte, dia do encerramento das candidaturas, os meus pais deram-me dinheiro, o pouco que tinham naquele dia, para eu ir a Torres Vedras buscar o processo e no mesmo dia entregar no Ministério de Educação em Lisboa. Lá fui bem cedo, de comboio, e

...
 a melhor recordação que tenho é dos meus pais, já falecidos, terem transmitido aos filhos uma forma de estar na vida assente na partilha e no pensar no outro
 ...



Grupo de crianças e adolescentes da ED no Luso



Com alguns dos seus irmãos

depois apanhei um autocarro até ao Campo Grande, ficando sem dinheiro. A hora de encerramento dos serviços aproximava-se, e não sabia o que fazer, sem poder telefonar; então decidi ir a pé, ou seja corri desde o Campo Grande até à Av. 24 de Julho. Ao chegar estava tudo tratado, foi só entregar o documento da avaliação de Angola. A funcionária esperou por mim, isto porque naquela manhã a nossa querida amiga Arminda Gonçalves ligou para a casa dos meus pais a saber se estavam bem. A minha mãe contou o que se estava a passar comigo e esta amiga foi para o Ministério de Educação; não só antecipou tratar do assunto mas esperou por mim, e, desta forma, a situação ficou resolvida. Estou grata a Deus pela forma como usa pessoas que em determinadas circunstâncias são como anjos reiterando o sentir que Deus é o nosso suprimento exato.

Em 1994 termino a licenciatura em Serviço Social – Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa; e simultaneamente o Curso de Formação Técnico Pedagógico de Monitores e Coordenação de Formação. Mais tarde fiz formação em Cartografia e Recenseamento; e em 2004 termino a Pós-Graduação em Cidade, Território e Requalificação - ISCTE. Atualmente tenho feito Formação na área da Promoção e Proteção de Crianças e Jovens.

Ao nível das competências bíblicas, fiz uma formação bíblica de disciplinas do curso de Divisão por Extensão do Instituto Bíblico Português com os professores Gerald Ericson, Ken Philips, Rute Muir e Peter Muir.

Qual foi a tua primeira participação na igreja?

Comecei a participar no culto de oração na Missão da Igreja Evangélica de Sintra no Algueirão, onde toda a minha família participava. Era um culto alegre dirigido por jovens. Depois comecei a participar na escola dominical, e grupo de jovens da igreja. Em casa dos meus pais fazia-se o culto doméstico. O meu pai tinha um grande gosto pela leitura e tinha sempre histórias para contar, havia sempre um momento para partilha da Bíblia e de outros assuntos, orávamos e cantávamos e assim surgiu o nosso grupo musical familiar, ensaiado pelo meu irmão Mário Santos em que ele e o meu irmão Joel Santos tocavam viola, produziam as letras dos hinos e adaptações de melodias e desse modo conhecemos imensas congregações evangélicas de norte a sul do país, que nos convidavam para o louvor em cultos de evangelização.

Qual foi a tua primeira ocupação (emprego) aqui em Portugal?

Com 17 anos comecei a enfrentar o mundo laboral, mas dou graças a Deus porque sempre tive emprego, estando sempre disponível para enfrentar desafios. Por saber que eu tinha experiência na área de costura o irmão José Lacerda proprietário de uma indústria de malhas colocou na nossa casa uma máquina industrial com que eu trabalhava ajudando assim toda a família. Depois fui operária na indústria têxtil em fábricas de confeções. Foi nesse contexto que retomei os meus estudos. Valorizo muito o trabalho industrial, onde aprendi a organizar o meu cérebro para o trabalho em série de forma metódica, e a ver o resultado produtivo sistematicamente e o tempo como um bem a não perder. (com continuação no próximo número). ●○

Arlete, Lete, Letinha ...

a Minha Amiga portuguesa de África.

Forte, destemida, criativa e generosa é a colega de trabalho com quem se pode sempre contar.

Um dia meiga outras vezes áspera ...

Ora dócil ora teimosa.

Que nos deleita com bolinhos e nos apazigua com um caldo reparador...

que nos ensina como do nada se pode fazer tudo!

Que nos inunda com o que é Seu tornando-o Nosso, Que entramos como mãe-irmã.

Exemplo vivo de que o caminho se faz caminhando.

in: <https://www.significadodnome.com/arlete/>
Arlete ... do celta "garantia, penhor"

Testemunho de Helena Batalha ex colega da Arlete na Divisão de Requalificação e Valorização Urbana do Departamento de Obras Municipais da Câmara Municipal de Sintra ...

1 - Missionários Irlandeses. 2 - Missionária Inglesa responsável pela Escola Bíblica Emaús 3 - Obreiros portugueses



Como professora numa classe de ED (adolescentes)



Numa peça de Natal nas antigas instalações em Sintra

escrito segundo
o antigo acordo ortográfico
A PENA DO JÓ
crónica de
Jorge Oliveira

O SEGREDO ESTÁ NA MASSA

NUM ESTUDO realizado por uma equipa de cientistas da Universidade da Califórnia foi descoberto o segredo da longevidade dos monumentos romanos, que resistem firmes há mais dois milénios. O segredo está "na massa". Melhor dizendo, na argamassa, o ligante que une as diferentes pedras das construções. Quando os investigadores misturaram a argamassa de acordo com a fórmula do arquitecto romano Vitruvius, verificaram que a mistura continha aglomerados de um mineral chamado "stratlingite", formado pela reacção entre o calcário e a matéria vulcânica. Concluíram que os cristais de "stratlingite" são semelhantes às microfibras usadas nas argamassas actuais, só que as massas romanas oferecem um reforço maior e são ainda mais resistentes à corrosão.

Esta descoberta fez-me pensar nos relacionamentos humanos. Haverá algum segredo que garanta a longevidade nos relacionamentos? Porque é que algumas amizades, casamentos e relacionamentos são duradouros e outros não? Existirá algum ligante que una as pessoas?

Sem dúvida que as relações humanas são complexas, e sem querer simplificar aquilo que é complicado, acredito que existe efectivamente algo que faz solidificar os relacionamentos humanos. É o amor. O amor é o melhor ligante nos relacionamentos. Quando digo amor, estou a pensar em todos os contornos que o amor abarca: o respeito, a confiança, o perdão, o apoio. Quem ama respeita, quem ama confia, quem ama perdona, quem ama apoia e suporta.

Assim como existem testes à solidez das argamassas, também há testes que

comprovam a solidez dos relacionamentos. Estou a lembrar-me de três testes: o teste da ausência, o teste da divergência e o teste da lealdade.

...
**a amizade é quase
como a salvação.
Ou se é salvo,
ou nunca se foi.
Ou se é amigo
ou nunca se foi**

...

1. A ausência pode enfraquecer um relacionamento, mas também pode potenciar e fazer aumentar o amor e a saudade. Não é por um familiar viajar ou emigrar que o deixamos de amar. O reencontro é uma festa. Amigos verdadeiros não se perdem, quer estejamos perto ou longe deles. O amor resiste ao teste da distância e do tempo.

2. O segundo teste é o da divergência. Existem discordâncias e conflitos em todos os relacionamentos. Quando não conseguimos superar as discórdias nem respeitamos opiniões divergentes, falta-nos amor. Para se cultivar bons relacionamentos é fundamental ter boa memória para as coisas boas e má memória para as más. Saber ouvir e perdoar quem não con-

corda connosco não só é prova de educação, é sintoma de bom relacionamento. "Em todo o tempo ama o amigo; e na angústia nasce o irmão" (Provérbios 17:17).

3. Um terceiro teste é o da lealdade. Lealdade no sentido de fidelidade e no guardar as costas do meu amigo. Blaise Pascal advertiu que "poucas amizades subsistiriam se cada um soubesse aquilo que o amigo diz de si nas suas costas". A Bíblia refere que Jónatas defendeu o seu amigo Davi perante as acusações injustas do seu pai Saúl. Por ser um bom amigo fiel, Jónatas ia sendo morto quando Saúl ficou de tal forma enfurecido que tentou matá-lo. A lealdade é essencial em qualquer relacionamento.

O maior exemplo de firmeza e solidez nos relacionamentos foi dado por Jesus Cristo. Ele é o nosso melhor amigo. Perante o nosso distanciamento pecaminoso, Jesus amou-nos, morreu e ressuscitou para nos salvar. Não há maior prova de amor e amizade que esta (João 15:13).

À semelhança dos sólidos edifícios romanos, a durabilidade das relações depende do ligante usado. O amor, o perdão, a lealdade, o sorriso, estão certamente no topo da lista dos melhores ligantes humanos. Fortalecem as relações e fazem-nas perdurar no tempo.

Escrevi há algum tempo no meu blogue (CANTO DO JO) que a durabilidade da amizade é quase como a da salvação. Ou se é salvo, ou nunca se foi. Ou se é amigo ou nunca se foi. Assim como nunca se perde a salvação, nunca se perdem os verdadeiros amigos. ●○



Living Hope, page 285, from
GOD ON MUTE of Pete Greig
Tradução Ana Lacerda e
adaptação de Carlos Lacerda.
Foto de Carlos Lacerda com
colaboração de Mário Vitória.

ESPERANÇA VIVA

Louvores sejam dados ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Na Sua grande misericórdia Ele deu-nos o novo nascimento e uma esperança viva através da ressurreição de Jesus Cristo.

O apóstolo Pedro

O POETA INDIANO Tagore* conta a história de um mendigo que vê uma carruagem dourada aproximar-se de longe “tal como um belo sonho”. Apercebendo-se que se trata da carruagem do rei, o mendigo intercede por riquezas. Esta é, acredita ele, a grande oportunidade da sua vida.

A verdade é que a carruagem para ao pé do mendigo e o rei desce com um sorriso. Mas então, algo muito estranho acontece: O rei estende a sua mão vazia e pergunta ao mendigo “o que tens tu para me dar?” Confuso e inseguro, o mendigo mete a mão no saco e tira de lá um bago de milho - apenas um, e o mais pequeno. Isto é uma brincadeira? De qualquer, ele deposita-o na mão do rei.

No final do dia, quando o mendigo despejou o saco no chão ficou surpreendido ao descobrir um único grão de ouro puro – mas apenas um, e o mais pequeno. 'Chorei amargamente', disse o mendigo, 'e desejei ter tido a coragem de dar tudo o que tinha'.

Por vezes o Rei dos reis confunde-nos e deixa-nos desapontados. Parece rir-se da nossa pobreza: Ele que tem tanto, pede muito mais de nós que temos tão pouco!

Talvez isto aconteça quando estamos doentes no hospital num quarto partilhado: em vez de estender a Sua mão para nos curar (que é o que realmente queremos), Ele diz-nos para amarmos o nosso próximo – o companheiro da cama ao lado, que ressona tão alto como o ruído de um motor de camião, ou geme noites seguidas. Talvez isto aconteça quando estamos submersos numa depressão e o Rei espera que O adoremos como se o mundo não fosse tão cinzento quanto está a ser. Talvez aconteça quando nós estamos perto da rotura, as nossas mentes extremamente cansadas e confusas, e Ele sinceramente ainda nos pede que vamos ao bazar da igreja!?! ... e nesses momentos regozijarmo-nos em Cristo!?

O tempo passa. O Rei, que facilmente poderia ter respondido às nossas orações, parece afinal ter-nos deixado mais pobres. Mas o final do dia chega e sondamos as nossas vidas. É aí que finalmente encontramos ouro nas mãos, moldado pelos sacrifícios que fizemos. Olhamos para trás e vemos como Ele usou aquele tempo que passámos no hospital sendo conforto para outras pessoas; lembramo-nos que foi naquele bazar da igreja que rimos com os nossos amigos até



nos jorrarem lágrimas pela face.

Existe pois uma alquimia divina em operação em todo o sofrimento fiel. Olhamos para trás e percebemos que foram as nossas desilusões e não os nossos sucessos que Deus transformou em ouro. Então compreendemos que aquilo sobre o qual tínhamos duvidado, todas as coisas - mesmo as nossas orações não respondidas - Deus usou para o bem daqueles que O amam, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito' (Romanos 8.28).

UM APÓSTOLO AOS APÓSTOLOS

MARIA MADALENA era, quase de certeza, a mesma pessoa que Maria de Betânia, a pecadora, a adoradora extravagante que derramou perfume e lágrimas sobre os pés de Jesus num jantar, a menos de uma semana da crucificação de Cristo. Sabemos que ela tinha sido libertada duma multidão demoníaca e que, na retribuição da sua gratidão, se tinha tornado numa das mulheres que sustentavam o ministério de Jesus.

Maria Madalena foi também uma das cinco pessoas que a Bíblia relata como tendo estado diante da cruz quando da crucificação. Ela permaneceu ali até ao fim e, quando o corpo de Jesus foi descido da cruz, seguiu José de Arimateia para ver onde é que punham o Seu corpo. Podemos assumir que ela tenha ido no Sábado (quando o Sabbath tinha oficialmente terminado) comprar as especiarias para o corpo de Jesus. E na madrugada do dia seguinte Maria Madalena foi ao lugar do sepulcro, e apercebeu-se que o corpo de Jesus já não estava lá. “Eles levaram daqui o meu Senhor”, disse ela horrorizada, “e não sei onde o puseram” (João 20.13). Depois de tudo o que tinha visto e sofrido, Maria Madalena ainda continuava a falar de Jesus como sendo o seu Senhor.

Quando as minhas orações não são respondidas, muitas vezes eu fico apático e ressentido. Mas Maria Madalena derramou a sua adoração de forma consistente, da mesma forma que ela derramara perfume e lágrimas sobre os pés de Jesus e da mesma forma que pusera os seus recursos à disposição do ministério de Jesus. Contrariamente ao mendigo da parábola de Tagore, ela tinha “despejado a sua saca” e dado tudo ao Seu Rei. E por isso Maria Madalena foi a primeira a encontrar Jesus na manhã de Páscoa.

“Mulher” disse Ele, “porque choras?” “A quem procuras?”

Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu O tiraste dize-me onde O puseste, que eu O levarei.”

Disse-lhe Jesus: “Maria!”

Ela voltando-se lhe disse, em hebraico: “Rabboni!” (Que quer dizer Mestre).

Recomendou-lhe Jesus: “Não me detinhas, pois ainda não subi para o Pai. Mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: subo para o meu Pai e vosso Pai, para Meu Deus e vosso Deus.

Maria Madalena foi dar a notícia aos outros discípulos: “Eu vi o Senhor!” (João 20. 15-18)

Como é tão belo que a primeira pessoa nesta Terra a ver Jesus depois de Ele ressuscitar o faça por entre lágrimas. Talvez sejam as lágrimas - ou talvez seja o crepúsculo ou simplesmente a impossibilidade de algo e o facto de que ela tinha estado a ver a face dele por todo o lado todo o fim -de-semana - mas ao voltar a ver Jesus ela confunde-o com o jardineiro! Este momento isolado faz-me querer seguir Cristo toda a minha vida (choro à medida que escrevo). Como é que podemos não amar um Senhor assim? Eis aqui o Alfa e o Ómega, o criador das esferas cinéticas, Aquele cuja ressurreição dos mortos anuncia a aurora gloriosa duma nova dispensação. A Terra tremeu e os anjos prostram-se em adoração, mas Ele próprio é confundido com um jardineiro, homem humilde e de traje de trabalho, mãos sujas, com terra debaixo das unhas no início dum dia de trabalho.

Esta é, pois, a grande revelação. E, é claro, não foi dada a um homem - não foi dada a Pilatos nem a Caifás nem sequer a Pedro ou a João. Vem primeiramente a uma mulher - e uma mulher marginal, que tinha sido humilhada, desprezada na sua condição social, na verdade - uma de quem Jesus tinha expulsado sete poderes demoníacos e que (de acordo com a tradição católica) pode até ter sido uma prostituta. Maria Madalena foi uma mulher mal querida que se tornou numa mulher graciosa, generosa e fiel até ao fim.

As primeiras palavras da Nova Aliança são em forma de pergunta. Não são uma proclamação, nem uma resposta, mas uma pergunta atenciosa e tranquila dirigida a uma mulher: “Porquê”, Jesus quer saber, “Porque estás a chorar?” E para alguém como Maria, ou como tu e eu, que tenha atravessado a escuridão de Quinta-feira Santa e o desespero de Sexta de Cinzas até chegar ao jardim em que Ele tinha sido sepultado, é uma pergunta estúpida. Mas é também uma pergunta profunda, e, olhando para trás, é estranha, também. Jesus, o Deus que talvez se confunda com um jardineiro, simplesmente chama Maria pelo nome. A Páscoa amanhece com uma pergunta e um nome!

Instintivamente, Maria vai tocá-Lo, mas Jesus avisa-a “Não me detinhas, pois ainda não subi para o Pai. Mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: subo para o meu Pai e vosso Pai, para Meu Deus e vosso Deus”. Maria vai a correr contar aos discípulos as incríveis notícias: Jesus ressuscitou! Mais do que isso, Ele não voltou para o Céu ressentido com os seus discípulos, com os Seus “amigos”. Ele chama-os de irmãos e quer que eles saibam que o Seu Deus é explicitamente

o Deus deles, que o Seu Abba Pai é deles também. Eles estão mais perto do Seu coração do que alguma vez estiveram.

Por esta comissão, Maria Madalena é por vezes reconhecida como o apóstolo aos Apóstolos, a primeira testemunha da ressurreição! A vida de Maria Madalena tinha sido transformada tão e somente por Jesus. Esta mulher que outrora fora uma vítima das suas opções, que tinha permanecido fiel apesar de tantas tribulações, torna-se um apóstolo aos apóstolos, a primeira pessoa a receber a notícia de que Jesus vive!

A TRANSFORMAÇÃO que se deu em Maria já aconteceu com milhões de pessoas, mas não é automática. Maria foi a primeira a ver o Senhor simplesmente pela extravagância e diligência com que ela permanecia fiel ao seu próprio sofrimento.

Jesus continua a revelar-Se em primeiro lugar àqueles que fielmente suportam o sofrimento sem interromperem a sua adoração. “Bem-aventurados os mansos”, diz Ele. “Bem-aventurados os que choram...aqueles que têm sede” (Mateus 5. 4-6). Mais tarde, a maior parte das vezes de forma gradual, Jesus abençoa a nossa dor. Talvez o nosso passado, como o de Maria, esteja vincado com segredos dolorosos e desarrumado pela baixa autoestima. Talvez a nossa realidade presente se mantenha duvidosa e decepcionante. Mas a Sexta-feira de cinzas (quando não sabemos porque é que a escuridão prevalece) e o Domingo de Páscoa (quando desconhecemos onde Deus se escondeu) prosseguem como o Inverno para o Verão. O Domingo Pascal chega e nós, mais do que qualquer outra pessoa, tornamo-nos mensageiros da esperança derradeira.

A Maria João e eu somos amigos de uma senhora idosa chamada Amélia, cujas palavras ocasionais, temperadas como estão por uma vida de fidelidade a Jesus, nos têm muitas vezes trazido conforto. A sensibilidade de Amélia às nossas lutas deve-se ao facto de ela ter sofrido dores de cabeça crónicas a maior parte da sua vida. O seu problema (que afeta 1 em cada 10 de nós) começou quando ela tinha apenas oito anos de idade ao saber que a mãe, já fora de casa há dois anos, não voltaria pois estava a ter um caso com o médico da família. O efeito, aos oito anos, do mal-estar sentido, despoletou uma doença que a iria afetar para o resto da vida.

No colégio interno, sempre que os olhos dela ficavam esquisitos, punham-na numa sala escura e davam-lhe um saco de enjoo até aquilo passar. Em adulta, as enxaquecas impediram-na de ser promovida como professora e desvalorizou-a socialmente. “O medo de vir a desapontar as pessoas, levou-me a começar a orar incansavelmente por cura”, ela relembra. “Eu desejava verdadeiramente ser livre daquele mal-estar para servir o Senhor.”

No entanto, as orações de Amélia não foram respondidas, e gradualmente ela foi adotando a máxima que tinha interiorizado: “Na aceitação está a paz”. Surpreendentemente, começou a procurar razões para louvar a Deus apesar das dores de cabeça. “Encontrava sempre algo!” diz ela. Ninguém sabe porque é que as orações da Amélia não obtiveram resposta. O que nós sabemos é que a Amélia tem uma profundidade de carácter e um ministério que só se podia ter desenvolvido através de muitos anos de dor. Um problema que facilmente a poderia ter levado à amargura serviu, em vez disso, para refinar a sua personalidade em algo belo para Deus. ●●

NOTÍCIAS

MIGUEL E DÁLIA - FAFE

O casal tem realizado vários eventos evangelísticos:

- Almoços comunitários temáticos: indiano, francês, árabe e alemão, que contaram com a presença de convidados que ainda não conhecem a Palavra do Senhor;
- Festa de Natal na Escola Básica de Montelongo com apresentação de uma peça, músicas e distribuição de calendários evangelísticos a professores e funcionários, bem como exemplares da história de Jesus em banda desenhada da Sociedade Bíblica;
- Publicação de anúncios num jornal semanário de Fafe, para dar a conhecer a Igreja Evangélica em Fafe e também para apresentação dos missionários à comunidade como conselheiros cristãos;
- Casa aberta a receber estudantes do GBU – Grupo Bíblico Universitário de Guimarães, nomeadamente estrangeiros que estão longe das famílias na época de Natal;
- Apresentação dos missionários à comunidade fafense, como conselheiros cristãos, através de um cartão-de-visita que acompanha os calendários "Tesouros Escondidos";
- Projeto de evangelismo pessoal em lojas, clínicas, escritórios de contabilidade, de médicos, advogados e outros locais públicos onde seja possível uma abordagem com pessoas. ●○



DANIEL SANTA DE SÁ 1942-2016



Por transferência da Ass. de Deus de Viana do Castelo, foi admitido nesta Igreja em 1969, tendo casado com a jovem Madalena Antunes Vieira membro da mesma, em Junho do mesmo ano. A sua Assiduidade aos Cultos, o seu Testemunho e a sua Cultura Bíblica recomendavam, só por si, que fosse separado para o Ministério da Palavra. Posteriormente foi convidado a integrar o Corpo de Anciãos tendo a sua responsabilidade sido acrescida

do ministério entre os jovens, na sua direção e aconselhamento espiritual. Ao presente, exercia as funções de Presidente da Ass. Geral da Igreja. Todos estes cargos foram por ele, Daniel, executados com o vigor e a energia que lhe eram naturalmente conhecidas, até quando a sua saúde lho permitiu e segundo a Graça e o Dom que de Deus recebera. Tornou possível a realização dos Acampamentos "Âncora", pelo espaço de três décadas, disponibilizando para o efeito um terreno que era seu por herança e que resultou em bênção para muitas almas ao longo dos anos. A sua mudança de Braga para V.P. de Âncora possibilitou o seu apoio, material e espiritual, na Missão que, entretanto, abríamos em Afe, em colaboração com irmãos da Igreja de Leça, mais concretamente com o irmão Armindo Costa com quem dividia os custos materiais e espirituais. Ainda em Braga, ajudou na construção do Templo onde nos reunimos para Louvar O SENHOR e anunciar em Cristo a Salvação pela Fé em Jesus. Foi um participante ativo em todas as atividades da Igreja tais como: Mensagem; Convívios, Festas; Batismos; Evan-

gelização... Foi meu companheiro quando estávamos na colportagem ao serviço da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira nos últimos três anos da sua atividade em Portugal; comigo cobriu a área a Norte do Rio Douro e do Grande Porto. Daniel era muito ativo e dotado de bom humor, o irmão Ricardo dizia-me que lhe "era difícil saber quando Daniel falava a sério..."dadas as suas constantes "graças"; Era sincero e simples; Firme nas convicções que defendia até à exaustão. Nem sempre estávamos de acordo, direi que muitas vezes não estávamos de acordo, mas nunca o suficiente para estarmos de costas voltadas. Os demais feitos deste simples mas sincero Servo de Deus não estarão escritos no Livro dos Registos de Deus? Sim, certamente "DEUS não é injusto para se esquecer da sua Obra e do Trabalho de Amor que pelo seu Nome mostrou enquanto serviu aos santos" Hebreus 6:10. Até logo companheiro, que, pelo favor do Deus que enviou Seu Filho para nos conduzir até ELE, nos encontraremos um dia e teremos uma eternidade de Vida para continuar... porque confiamos naquele que disse: " porque EU vivo, vós vivereis" Amén.

À nossa irmã Madalena, às filhas Ester e Abigail, ao genro e netos, a nossa simpatia e estou certos que obedeceremos à ordem da Palavra de DEUS que diz: " Chorai com os que choram..." quer dizer que não choreis sós.

O Senhor vos dará toda a Consolação como só ELE sabe dar. Amén.

Ao serviço fúnebre, realizado na Igr. Missionária, pelo Anção Samuel Vieira com mensagem pelo pastor Paulo Martins, da Igr. Ass. de Deus de Bragança, que apresentou a Palavra, assistiu um grande número de amigos, crentes e não crentes, além dos familiares vindos de França e de vários pontos do País. ●○



Semana Internacional/ Desportiva
9 a 15 Julho - 85€



Semana Familiar
23 de Julho a 29 de Julho - 85€



Semana de Crianças
16 a 22 de Julho - 80€



Semana Sub-16
30 de Julho a 5 de Agosto - 85€




Semana de Jovens
6 a 12 de Agosto - 85€



**CENTRO BÍBLICO DE ESMORIZ
ACAMPAMENTOS 2017**

Páscoa 17
Centro Bíblico de Esmoriz

14 Abril (sexta-feira santa)
12h - 15h



AS 7 PALAVRAS DA CRUZ

NOTA: Após o programa será servido um almoço por 5 euros. Deverá inscrever-se até ao dia 3 de Abril.

3 Comunidades juntas para celebrar a Páscoa

7 frases de Jesus na Cruz

6ª feira · 14 de Abril · às 20h30
no Salão de Festas da Terrugem

+
Domingo de Páscoa · 16 de Abril
às 10h · no mesmo local



Local: Av. da Aviação Portuguesa (por trás do Galp) - Terrugem

Campos Bíblicos 2017

Começa já a Pensar na Bagagem!

Crianças - Juniores - Adolescentes - Jovens - Adultos

Campo Carrascal	Idade	Data	Preço	Prazo limite Inscrição
Manutenção	-	02-03/6	-	-
Dia Campista	Todas	17/6	-	02/6
Seniores	+60 anos	17-23/6	85€	02/6
Avós & Netos	Todas	01-08/7	Até 12 anos 95€ +12 anos 100€	16/6
Crianças	4-7 anos	15-22/7	95€	30/6
Adolescentes	12-15 anos	22-29/7	100€	07/7
Juniores	8-11 anos	05-12/8	95€	22/7
Jovens	+16 anos	12-19/8	100€	29/7
Temático	+18 anos	26/8-02/9	100€	12/8
Convencção	Todas	06-07/10	16€	23/9

Campo Quintas do Norte	Idade	Data	Preço	Prazo limite Inscrição
Manutenção	-	02-03/6	-	-
Crianças	5-8 anos	15-22/7	95€	30/6
Juniores	9-12 anos	22-29/7	95€	07/7
Adolescentes	13-16 anos	05-12/8	100€	22/7
Jovens	17-27 anos	12-19/8	100€	29/7

Preço Promocional: Desconto de 70€ para pagamento da totalidade do campo até ao 1.º de Agosto. Todos os campos começam pelas 18h do 1.º dia e terminam após o reatino do manhã do último dia.

ESCRITÓRIO SUL
Avenida 1677, Covilhã (Favelada) 2806-802 Alameda
Tel./Fax: 212 744 508
Tm: 936 539 031
Email: ges@uniaobiblica.com

ESCRITÓRIO NORTE
Aparição 4440, Município 4007-001 Porto
Tel./Fax: 226 180 385
Tm: 938 419 664
Email: sbrnorte@uniaobiblica.com

Inscrições online www.uniaobiblica.com



PALHAL'17

16 JULHO A 26 AGOSTO

INSCRIÇÕES DISPONÍVEIS BREVEMENTE



MARCA JÁ NA TUA AGENDA...

RETIRO 01

6 AOS 9 ANOS
16 - 22 JUL

RETIRO 02

10 AOS 12 ANOS
23 - 29 JUL

RETIRO 03

13 AOS 15 ANOS
30 JUL - 05 AGO

RETIRO 04


16 AOS 18 ANOS
06 - 12 AGO

RETIRO 05

19 ANOS OU MAIS
13 - 19 AGO

RETIRO 06

FAMILIAR
20 - 26 AGO


facebook.com/cepalhal


twitter.com/cepalhal


instagram.com/cepalhal

texto iniciado na pag. 3

A resposta do Presidente não tardou: “Milagre este ano em Portugal só vamos celebrar um, que é o de Fátima para os crentes”. “Tudo o resto não é milagre. Saiu do pelo e do trabalho dos portugueses”, acrescentou Marcelo.

Se não fosse o desmentido do Presidente da República, daqui a 100 anos teríamos António Costa **canonizado e venerado**.



capa de livro infantil-1952

Fiéis de várias religiões, ateus ou agnósticos, com mais ou menos misticismo, os portugueses permanecem, em boa parte, “filhos do Cristianismo” ou talvez mais corretamente, filhos de uma religiosidade

cristã que mistura frequentemente cristianismo, paganismo, lendas, mitos e até bruxarias (ver caixa ao lado).

Portugal nasceu no contexto da Reconquista Cristã, com a ajuda de cruzados e templários. Teve por primeira bandeira uma cruz e por rei-fundador um homem que, por pouco, não foi considerado santo. No entanto, a história do Cristianismo no nosso país recua à Antiguidade e chega aos confins do mundo. Começa como desafio ao Império Romano e acaba seguida e perseguida na Índia ou no Japão (vem a propósito referir aqui o recente filme “Silêncio” de *Martin Scorsese*, 2016). O “cristianismo” contribuiu, como muito poucos fatores, para fazer Portugal; os portugueses contribuíram, como muito poucos povos, para espalhar a “fé cristã”.

Para o bem e para o mal, foi um facto. Muitas vezes com profundo respeito pelos outros mas também várias vezes sendo mais selvagens do que aqueles a quem denominavam de “selvagens”. (a propósito ver filme “A Missão” de *Roland Joffé*, 1986) ●●

Numa deslocação recente a Santarém para entregar uma encomenda a uns clientes meus, ouvi da parte de um deles um relato que desconhecia por completo e que à primeira nem queria acreditar, porque segundo me informaram há quem se desloque ainda hoje do estrangeiro, sobretudo do Brasil para venerar o objeto em causa.

Da história reza o seguinte:

“Numa ruela de Santarém vivia uma mulher que não se conformava com a infidelidade do seu marido. Desejosa de reaver o seu afeto, procurou uma sua comadre, judia de raça, dada à magia e bruxaria, para que lhe ensinasse a forma de voltar a sentir a felicidade. Ordenou-lhe a comadre que fosse à igreja e aí, simulando comungar, trouxesse para casa a sagrada hóstia, embrulhada na beatilha.

Assim procedeu e, realizado o sacrilégio, reparou a mulher que, poucos passos tinha andado, e já da beatilha saía jorrante fio de luz que não passava despercebido das gentes com quem se cruzava. Vendo que o seu ato já era do conhecimento público, chegando a casa, fecha a roubada hóstia numa arca, para que o marido não a visse. Noite alta acordam marido e mulher. Toda a casa estava iluminada por uma estranha claridade e um perfume suavíssimo. Não podendo por mais tempo ocultar o seu furto, a mulher, arrependida e banhada em lágrimas, conta ao marido a verdade. Este, sem perda de tempo, vai à casa do pároco para contar tudo. Com o povo em apoteose volta então a hóstia para a igreja de Santo Estêvão, em solene procissão.

A tradição mantém que o milagre se deu numa pequena casa que foi transformada em capela no século XVII. Sete séculos são decorridos e a preciosa relíquia, guardada num vaso “sagrado”, continua a ser alvo de peregrinação e veneração por parte de muitos “crentes” nacionais e estrangeiros fazendo parte muito significativa do turismo local. Está previsto que muitos dos que vão a Fátima passem igualmente por Santarém para venerar a hóstia.



rua de Santarém

Espaço para autocolante ou carimbo de contactos da igreja

A revista REFRIGÉRIO é o órgão oficial da Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal. Através de artigos de edificação, reflexões e notícias pretende contribuir para: anunciar a boa nova de que há salvação em e por Cristo Jesus; levar os crentes a uma maior santidade pessoal; aumentar a comunhão entre os que creem em Jesus Cristo como seu Salvador e Mestre; celebrar vidas e ministérios que têm sido agentes de Deus em Portugal; divulgar eventos relevantes para as comunidades cristãs evangélicas; partilhar Notícias do campo missionário em Portugal; e do que missionários de língua portuguesa em diferentes pontos do mundo estão a fazer no cumprimento da Grande Comissão.